



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

ESPIRITUALIDADE, RESPONSABILIDADE E SIGNIFICATIVIDADE NA ANTROPOLOGIA DE VIKTOR FRANKL

Spirituality, Responsibility and Meaningfulness in the Anthropology of Viktor Frankl

Vicente Gregório de Sousa Filho¹

Resumo:

A investigação sublinha a dimensão noética do ser humano reunindo no conceito de espiritualidade um conjunto de atividades do espírito como ideias, pensamentos, motivações, amor que direcionam as ações e a busca de transcendência face às situações inóspitas de desespero e rupturas a fim de lutar de forma responsável pelo sentido da própria existência e encontrando no transcendente o sentido último para a vida, sem necessariamente vincular-se a uma comunidade religiosa específica. É na dimensão espiritual que a pessoa humana encontrará as melhores formas de superar as perturbações da alma, sem se acomodar aos fracassos, mas encontrando fortaleza para vislumbrar soluções e significados em meio às dificuldades encontradas ao longo do caminho.

Palavras-chave:

Espiritualidade. Logoterapia. Responsabilidade.

Abstract:

The investigation highlights the noetic dimension of the human being, from Viktor Frankl's perspective, joining together in the concept of spirituality a set of activities of the spirit such as ideas, thoughts, motivations, love which direct the actions and the quest for transcendence when faced with inhospitable situations of despair and ruptures so as to struggle in a responsible way for the meaning of one's own existence and finding in the transcendent the ultimate meaning of life, without necessarily tying oneself to a specific religious community. It is in the spiritual dimension that the human being will find the best ways to overcome the perturbances of the soul without conforming oneself to the failures, but finding strength to visualize solutions and meaning in the midst of the difficulties found along the path.

Keywords:

Spirituality. Logotherapy. Responsibility.

¹ Doutor em Teologia pela Faculdades EST. Professor efetivo EBTT de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Campus Coelho Neto - MA. Contato: vicente.sousa@ifma.edu.br.

Considerações iniciais

A Logoterapia, desde o seu surgimento com Viktor Frankl, em um contexto de guerra, de sofrimento e perdas humanas tidas como irreparáveis, vem auxiliando muitas pessoas a reestruturar o rumo de suas existências. No entendimento de Lukas,² somente quando os indivíduos conseguirem perceber a realidade que os cerca, a partir de uma perspectiva de fora dos seus próprios condicionamentos, é que valorizarão outros aspectos desta mesma realidade e assim encontrarão sentido e força para transcendê-los. Assim, muitos seres humanos lidam constantemente com crises depressivas, suicidas ou refugiam-se em situações alienantes e degradantes como os vícios e a libertinagem sexual porque muitos são os que não têm um sentido claro, uma meta a ser priorizada que os estimulem a vencer as situações limítrofes da existência.³

Tendo como referência o arcabouço teórico da Logoterapia, que privilegia para além do biológico e do psíquico a dimensão também espiritual do humano enquanto capacidade de transcendência, veremos que as pessoas não estão reguladas apenas por forças obscuras e incontroláveis de um inconsciente individual e libidinoso. O ser humano é dotado de inconsciente espiritual⁴ que, à diferença da psicanálise freudiana, não se limita aos instintos reprimidos, mas sobretudo se caracteriza como fonte produtiva de construção de sentido existencial. Daí a riqueza da visão de ser humano presente na antropologia logoterapêutica, enquanto ser bio-psico-espiritual.

A espiritualidade humana

Levando-se em consideração a análise de Peter, veremos que a teoria e a práxis de Frankl partem sempre do espiritual e a ele se destina.⁵

Para Viktor Frankl interessava a ampliação do conhecimento da essência do ser humano, no que ele ultrapassa a moldura biopsicológica da imagem do ser humano, que lhe fora transmitida, ao avançar para antropologia filosófica. Nesse sentido, ele foi o primeiro psiquiatra que refletiu sobre o fato de que o ser humano, além de sua base celular somática e de sua disposição psíquica, possui ainda uma dimensão espiritual.⁶

O ser humano é uma unidade bio-psico-espiritual. Todavia, ao tratar da dimensão espiritual do ser humano, não devemos equacionar de forma exclusiva esta realidade à dimensão religiosa do ser humano ou mesmo a uma experiência concreta de pertença a uma instituição religiosa. Contudo, a afirmação se refere ao

[...] reconhecimento no noos de uma instância superior no homem, que ao mesmo tempo que busca um sentido último da existência, representa também uma espiritualidade que aponta para uma dimensão, extra-humana, supratranscendente, que é Deus.⁷

O que se pretende é elucidar que o ser humano é o único ser capaz de buscar e lutar por sua transcendência e pelo significado de sua existência. Na acepção de Fabry, Viktor Frankl, ao discorrer sobre a espiritualidade humana, usou a terminologia dimensão noética, servindo-se do

² LUKAS, Elisabeth. *Assistência logoterapêutica*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 49.

³ FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 72.

⁴ FRANKL, Viktor. *A presença ignorada de Deus*. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2009. p. 20.

⁵ PETER, Ricardo. *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 28-33.

⁶ ALBRECHT, Astor. *Depressão: do que se trata? Uma proposta para uma atuação pastoral a partir da logoterapia*. Monografia. São Leopoldo, 1999. p. 17.

⁷ XAUSA, Isar A. M. *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 117.

vocábulo grego, querendo assim expressar as atividades especificamente humanas tais como: ideias, anseio por sentido, fé, amor, imaginação e autotranscendência, dentre outras.⁸

A dimensão noética é a dimensão onde está enraizada a consciência para a liberdade, para autotranscendência. É de lá que emerge a espiritualidade e a criatividade do ser humano que o situa uma pessoa espiritual, livre para ser no mundo.⁹

A partir do pensamento precedente, inferimos que o ser humano jamais poderá se acomodar com o momento presente, com as contingências ou determinações externas, posto que há dentro de cada pessoa uma capacidade de ser-mais, de encontrar forças além do contexto e circunstâncias em busca de superação. Deste modo,

[...] Frankl desenvolveu sua própria antropologia, cuja afirmação central é a seguinte: o homem possui uma dimensão existencial (especificamente humana) que o distingue dos outros seres vivos e para qual não se transferem as ocorrências da esfera bio-psíquica. Frankl denominou-a dimensão espiritual ou noética (da palavra grega nous, espírito). A partir de então, suas pesquisas concentraram-se em tornar fecunda essa dimensão espiritual do homem, com o fim de aliviar e superar as perturbações da alma.¹⁰

De forma sintética, poderíamos afirmar que a visão de ser humano postulada pela Logoterapia inclui em seu bojo a espiritualidade, a responsabilidade e a significatividade.

A responsabilidade com o sentido da vida

Uma vez tendo comentado a respeito da espiritualidade humana, mister se faz acrescentar alguns conceitos a respeito do que seja a responsabilidade. Na visão de Frankl, veremos a seguir que a mesma está atrelada à liberdade, entendida esta como a capacidade de realizar escolhas e tomar decisões; pois, ser responsável significa dar uma resposta frente a um contexto, a uma situação. Ser responsável é ser capaz de sair da inércia para comprometer-se com o futuro. É ser capaz de dar um sim à vida, mesmo em condições desfavoráveis.

Responsabilidade é aquilo para o que se é “puxado” e do que se “foge”. A sabedoria da língua indica com isso que no homem há forças contrárias que o afastam do assumir responsabilidades [...] É terrível saber que em cada momento sou responsável pelo próximo; que cada decisão, a menor e a maior, é uma decisão “para toda a eternidade”; que em cada momento eu realizo ou perco uma possibilidade, possibilidade de um momento.¹¹

Uma análise mais apurada do que seja responsabilidade haverá de nos fazer entender que é praticamente impossível compreendê-la prescindindo dos conceitos de consciência e liberdade. No exercício de nossa liberdade, seremos solicitados, à luz da consciência, a responder pelas consequências de nossas escolhas e decisões. Neste contexto, a responsabilidade adquire o seguinte sentido:

⁸ FABRY, Joseph B. *A busca do significado: Logoterapia e vida*. 4. ed. São Paulo: ECE, 1984.p. 42.

⁹ DITTRICH, Maria G. *Tecendo fundamentos para um entendimento de ser humano espiritual*. Monografia. São Leopoldo, 2005.

¹⁰ LUKAS, Elisabeth. *Histórias que curam... porque dão sentido à vida*. Campinas: Verus, 2005. p. 146.

¹¹ FRANKL, Viktor E. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papyrus, 1990.p. 108.

A capacidade que temos de dar respostas à vida e de assumir aquilo que fazemos. É a capacidade ou habilidade de responder ou assumir o que fazemos no mundo e esta capacidade não é um impulso instintivo, mas nasce da consciência humana de ser livre.¹²

Ainda se torna relevante acrescentar que, na visão de Bresser, a responsabilidade se configura como uma forma de assumir a missão de dar sentido e valorizar a própria existência, pois se falharmos nesta empreitada poderemos viver de insucessos e frustrações.¹³ Neste sentido, afirmamos que ser responsável é assumir a missão de dar sentido à vida, pois do contrário viveremos entregues ao próprio destino, inertes face aos desafios da vida, esperando ao final a morte como o caso da existência. Contudo, ao nos tornarmos responsáveis, faremos a experiência de viver com plenitude e dignidade.

A responsabilidade, todavia, não deverá ser encarada apenas como um assumir sentido diante de uma existência individual. A partir da concepção antropológica de Aristóteles, sabemos que o ser humano é político e social. Isto implica em convivência, observância de regras, organização de consensos e, sobretudo, na consciência de que somos cidadãos porque temos obrigações diante das pessoas e da sociedade. É neste momento que passamos a refletir que é necessário ao ser humano vincular a responsabilidade à noção de culpa. Culpa aqui entendida como ato pedagógico que nos faz reconhecer que desrespeitamos os semelhantes, a natureza, os animais, a sociedade e o próprio Deus.

Reconhecimento da culpa significa afirmação da liberdade humana, assim como afirmação de uma ordem de convivência geradora de obrigações. Da mesma forma implica respeito pelo direito de outrem, face ao qual o indivíduo se tornou culpado. Se por razões mais ou menos egoístas praticássemos uma injustiça contra outra pessoa e este nosso ato não devesse ser inquinado com a nódoa da culpa, estaríamos com isso desvalorizando aquela pessoa. [...] Nossa vida é ordenada em função do convívio com os outros. Este estar-em-comum não configura jamais mero estar-um-ao-lado-do-outro, e sim um com-viver com os demais e um viver para os demais.¹⁴

Somos seres morais e, por isso, nossa consciência haverá de nos advertir através de um senso moral de culpa não para nos aniquilarmos de forma neurotizante, mas para evitarmos futuras quedas e agressões aos seres que convivem conosco. Desta forma, passamos a entender que a culpa é parte integrante da responsabilidade, pois sem ela viveríamos alienados e repetindo ações danosas aos outros.

No que concerne à dimensão da responsabilidade, Viktor Frankl defende que deva existir um esforço pedagógico que incentive e priorize o exercício da responsabilidade de modo que ela seja uma referência para a sociedade, conforme explicitação seguinte:

Interessante é lembrar as saudáveis provocações do psiquiatra em suas palestras nos Estados Unidos, quando fazia sempre a apologia da construção de uma “Estátua da Responsabilidade” na Costa Oeste, para complementar, simbolicamente, a Estátua da Liberdade na Costa Leste. Contudo, o problema maior desemboca mesmo num grande desafio pedagógico: a educação, para Frankl, deveria assumir, cada vez mais, um direcionamento de “educação para a responsabilidade”.¹⁵

¹² GOMES, José C. V. *Logoterapia: a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 48.

¹³ BRESSER, Paul H. Responsabilidade e responsabilização-sentido da culpa. In: V.V.A.A. *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 90-91.

¹⁴ BRESSER, 1990, p. 96.

¹⁵ PEREIRA, Ivo S. Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl. *PSICO*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, abr./jun. 2008. p. 163.

A significatividade enquanto cuidado dos outros

No esquema inicialmente proposto, que apresentava a concepção antropológica da Logoterapia, na qual o ser humano é um ser de espiritualidade, de responsabilidade e de significatividade, para comentar este último tópico servir-me-ei do pensamento de Frankl, ao considerar as teorias psicológicas existentes em seu tempo que consideravam o ser humano como um ser que reage a estímulos, no caso, refiro-me ao behaviorismo, ou a impulsos internos, a psicanálise como a busca de prazer e a psicologia de Maslow, afirmando que o ser humano é um ser de necessidade.¹⁶ Para Viktor Frankl, a vontade de sentido se torna o interesse primário do ser humano, pois mesmo a busca de prazer ou a vontade de poder, na visão de Adler, só serão plenamente satisfeitas se o ser humano for capaz de responder aos apelos que a vida lhe colocar e a resposta dada em cada situação concreta representará o significado a ser realizado pela própria existência.

Ao trabalhar o conceito de significatividade, Frankl faz uma alusão ao olho humano, afirmando que um olho são é capaz de tudo ver, menos a si mesmo.¹⁷ Qualquer sombra ou reflexo de si mesmo, ao me referir ao olho humano, só será possível diante de um olho com glaucoma, catarata ou outra doença. Nesta direção, Frankl aponta-nos para a realidade que as pessoas sadias são realmente aquelas que não vivem para si mesmas de forma narcisista. Em outras palavras,

[...] o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa ou no amor a uma outra pessoa. É como o olho, que só pode cumprir a sua função de ver o mundo enquanto ele não vê a si próprio.¹⁸

A significatividade é a capacidade de devotar atenção aos outros, no exercício altruísta de serviços aos demais. De nada valeria a vida humana se vivêssemos em uma busca desenfreada por prazeres, sucesso e felicidade, uma vez que os que mais se preocupam com a felicidade mais dela se distanciam.

Identidade adolescente na abordagem logoterapêutica

Viktor Frankl certa vez foi questionado por um jovem que exercia a profissão de auxiliar de alfaiate a respeito do sentido da sua existência e, embora aceitasse que o pai da logoterapia ajudasse muitas pessoas com seus postos de aconselhamento, acusa o referido autor de leviandade em função de não conseguir oferecer uma resposta plausível que preenchesse o significado de sua existência.¹⁹ Assim, o jovem se perguntava: *Quem sou eu? O que sou eu? De que forma posso dar sentido ao meu agir?*. E ele próprio arriscava uma resposta, afirmando ser um auxiliar de alfaiate. Contudo, Frankl acredita que não é apenas a posição que a pessoa ocupa na vida que vai dar significado ou plenitude para o seu viver, o que se torna importante é a forma como ocupamos uma posição ou mesmo uma profissão. Pode acontecer que um auxiliar de alfaiate possa ter uma vida mais satisfeita e plena de sentido que a vida de outros profissionais que talvez ele possa invejar por ocupar profissões elitistas na sociedade.

Viktor Frankl teve uma grande preocupação em auxiliar a juventude vienense que a ele acorria com seus inúmeros problemas. Por isso mesmo, criou inúmeros centros de aconselhamento para jovens do último ano do colegial a fim de atender em sua maioria casos de tentativa de suicídio.

¹⁶ FRANKL, 2005, p. 23.

¹⁷ FRANKL, 2005, p. 29.

¹⁸ FRANKL, Viktor E. *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papyrus, 1991. p. 18.

¹⁹ FRANKL, 1990, p. 71.

Frankl servia-se de meios eficazes para divulgar o seu trabalho voluntário junto aos jovens, quais sejam: cartazes nas escolas, revistas e jornais. A juventude vienense era acometida de várias doenças mentais, depressões e tentativa de suicídio, sendo que o esforço e compromisso do Dr. Frankl não se limitaram a dar conferências e atendimento personalizado aos jovens, posto que alertou às autoridades competentes a fim de buscar solução para estes problemas de saúde pública. O projeto de Viktor Frankl para ajudar a juventude de seu país passou pela organização de uma lista dos principais problemas psicológicos que atormentavam os jovens a fim de sensibilizar as autoridades competentes e outros psicólogos para o enfrentamento das questões. Frankl foi exitoso em sua batalha e assim, em 1931, os casos de suicídio foram erradicados em Viena.

A quantidade de problemas era tamanha que o projeto foi um grande socorro prestado àquela juventude perdida dos anos 30. O próprio Dr. Frankl publica, em 1935, uma resenha de 900 casos tratados pessoalmente por ele, apresentando, em paralelo, algumas propostas de solução. Vasta e variada problemática: conflitos familiares, problemas sexuais, distúrbios físicos e psicossomáticos, dificuldades financeiras ou simples pedidos de orientação.²⁰

É importante notar que, em uma pesquisa entre 60 jovens estudantes americanos e alunos do Dr. Viktor Frankl, que tentaram praticar suicídio, 85% deles, quando entrevistados, afirmaram que o fizeram porque a vida parecia vazia de sentido e destes jovens propensos ao suicídio, 93% eram de condições econômicas consideravelmente privilegiadas.²¹ Isso significa que não bastam situações de *status* ou de recursos para sobreviver, mas torna-se necessário significar a existência, encontrando um para que viver. Em contrapartida também há pessoas que a despeito das condições aparentemente favoráveis da existência parecem encontrar sentido e felicidade até mesmo dentro de uma prisão.

Aquele que acredita que, primeiramente, precisa ser saciada a fome, para que somente depois possa refletir sobre o sentido da vida, está enganado. Pois, sem conhecer um sentido mais profundo da vida, suporta-se nem a fome, nem a saturação desmedida.²²

A ausência de sentido que atinge os seres humanos e em específico os jovens é oriunda, na visão de Frankl, de uma dupla perda que vem sofrendo o ser humano: a perda dos instintos e a perda das tradições.²³ As pessoas não agem por instinto de modo que tenham suas necessidades satisfeitas e sua sobrevivência garantida à semelhança dos animais irracionais. Quando busca sentido para seu peregrinar terreno, tenta segurar-se nas tradições, no *modus vivendi* já solidificado e palmilhado pelas gerações passadas. O que ocorre é que em um tema de vertiginosas mudanças, os jovens de uma sociedade planetária e pós-moderna não encontram âncora nas tradições, nos conselhos e referenciais das gerações anteriores. Os jovens precisam construir a sua trajetória e nem sempre essa tarefa se torna fácil, uma vez que as tradições já não representam parâmetro para sua existência.

Lukas, após realizar um teste com 1000 pessoas de diferentes faixas etárias, constatou que, no período de 15 a 30 anos, os jovens embora busquem não conseguem encontrar valores elevados nesta fase da vida. A atual fase pós-moderna preponderantemente hedonista e imediatista coloca os jovens em uma busca de sentido até mesmo alienante, às vezes e por esta razão talvez, muitos ao longo do caminho experimentam fracassos e frustrações. Todavia,

[...] é óbvio que esta busca e luta podem levar a desvios e becos sem saídas, que até possam revelar como desprovidos de sentido. Aos jovens precisa ser concedido o direito de cometer

²⁰ GOMES, 1988, p. 18.

²¹ FRANKL, 2005, p. 14-15.

²² LUKAS, Elisabeth S.; EBERLE, Michael M. *Tudo tem seu sentido*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1993.

²³ FABRY, 1984, p. 123.

erros e modificações sejam por vezes dolorosos, como por exemplo, mudanças repentinas na formação acadêmica e/ou profissional e troca de círculos de amigos.²⁴

O que se torna relevante é a busca do sentido, sem jamais desistir. Muitos adolescentes e jovens enveredam pelos caminhos das drogas, na tirania das seitas ou mesmo por obstinadas atitudes oposicionistas justamente porque desistem facilmente de lutar por um sentido que realmente possa preencher sua existência. Dita de uma outra maneira, a falta de sentido dos jovens, camuflada nestas satisfações provisórias, poderá ser algo passageiro, um fato até mesmo normal, no percurso da existência, até que encontre êxito em suas buscas. No entanto, não existe garantia para que o insucesso também não se estabeleça, na forma de vida frustrada e infeliz, configurando-se como uma vida repleta de aflições.

É importante ressaltar que não é só o excesso de aflições que pode sobrecarregar a esfera afetiva e com isso a capacidade de defesa do organismo, mas principalmente uma deficiência de conteúdo na vida. Isto significa uma carência de um pensar e agir humano que caracteriza-se por um viver superficial e que as relações na maioria das vezes são objetificadas e objetificantes. O ser humano relaciona-se consigo mesmo e com os outros apenas a partir da regra convencional massificante e consumista, não oportunizando espaço para as perguntas sobre o ser e o sentido do porque das coisas e dos eventos.²⁵

Frankl elucida que, em uma importante universidade americana, os jovens que ali se encontravam para assistir à conferência a ser por ele proferida estavam muito preocupados que o tema a ser desenvolvido respondesse à pergunta se a geração atual dos jovens é louca.²⁶ E o conferencista demonstra por meio de sucessivas pesquisas científicas que as neuroses de massa que atingem em especial aos jovens por meio de agressão, depressão e toxicodependência são um reflexo da falta de sentido e da ausência de projetos relevantes para a existência.

É inegável que vivemos hoje um período de crise de valores e das tradições, o que se expressa por meio de um vazio existencial, como enfatizamos anteriormente. Certa vez, quando Frankl visitou o Japão, um jovem lhe interrogou como seria possível encontrar sentido em uma época em que as pessoas extinguem as tradições e os valores. A pergunta instigante daquele jovem o levou a explicitar a importância da educação para além da transmissão de conhecimentos e valores que passavam de uma geração à outra, pois

[...] a missão da educação não se traduz meramente em divulgar conhecimentos, mas auxilia o homem a aperfeiçoar sua consciência individual, de maneira que ele se torne capaz de descobrir os sentidos únicos inerentes a cada situação de sua vida. O desaparecimento da tradição afeta somente os sentidos universais, os valores. Os sentidos únicos não podem ser afetados pela perda da tradição por que eles não morreram – devem ser descobertos por cada um de nós em cada momento específico.²⁷

Será reservada à educação, portanto, a tarefa de auxiliar os jovens como guias no encontro destes sentidos particulares para a existência. Assim, a educação servirá à juventude à medida que desenvolva habilidades de autonomia e construção de sentidos mais humanizadores para a sociedade, pois de nada adiantaria transmitir conhecimentos teóricos ou até mesmo técnicos sem questionar o sentido da existência, a teleologia de sua aplicação e a destinação de seus benefícios ou prejuízos.

²⁴ LUKAS, 1990, p. 19.

²⁵ DITTRICH, Larissa F. *A dimensão noética em Viktor Frankl*. Monografia (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006. p. 19.

²⁶ FRANKL, 2005, p. 20.

²⁷ FABRY, 1984, p. 126.

Considerações finais

Uma consideração a que chegamos nas reflexões conclusivas desse texto foi a postulada por Viktor Frankl a respeito da espiritualidade ou autotranscendência humana. Se Freud estudou em profundidade o inconsciente de natureza libidinosa, reconhecendo que a moral vitoriana reprimira a sexualidade, também manifestou desinteresse pela dimensão religiosa da pessoa, até mesmo vendo na religião a neurose obsessiva e universal da humanidade. Por sua vez, o fundador da Logoterapia indica que, no humano, existe um inconsciente noético, uma espiritualidade inconsciente e reprimida também pela sociedade, cabendo às famílias e instituições religiosas explorar esta área de forma que os jovens e adolescentes se completem na busca de sentido.

A responsabilidade enquanto dimensão constitutiva da antropologia frankliana deve ser uma ferramenta para que as pessoas entendam que não podem delegar a outrem a busca pela realização pessoal, mesmo que os fracassos da vida possam surgir subitamente. Nesse sentido, assumir a própria história e dar significado e valor aos acontecimentos poderão ser valiosos instrumentos para que também as pessoas de sintam comprometidas em ajudar as outras em momentos de crises e sofrimentos, vez que não vivemos isolados no mundo, mas em relação uns com os outros.

À semelhança do olho humano que vê o mundo, mas não se vê, a pessoa espiritual dar significatividade às suas ações à medida em que se esquece de si mesma para doar-se aos outros e à própria religiosidade, entrando em comunhão com a transcendência em momentos de oração e também na participação ativa de uma comunidade religiosa, muito embora essa pertença a uma denominação religiosa não esgote a dimensão noética e espiritual do ser humano, será uma oportunidade ímpar para que se exercite a espiritualidade, por vezes reprimida na sociedade.

Referências

ALBRECHT, Astor. *Depressão: do que se trata? Uma proposta para uma atuação pastoral a partir da logoterapia*. Monografia. São Leopoldo, 1999.

BRESSER, Paul H. Responsabilidade e responsabilização-sentido da culpa. In: V.V.A.A. *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1990.

DITTRICH, Larissa F. *A dimensão noética em Viktor Frankl*. Monografia (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006.

DITTRICH, Maria G. *Tecendo fundamentos para um entendimento de ser humano espiritual*. Monografia. São Leopoldo, 2005.

FABRY, Joseph B. *A busca do significado: Logoterapia e vida*. 4. ed. São Paulo: ECE, 1984.

FRANKL, Viktor E. *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papyrus, 1990.

_____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo concentração*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *A presença ignorada de Deus*. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2009.

GOMES, José C. V. *Logoterapia: a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl*. São Paulo: Loyola, 1992.

LUKAS, Elisabeth S.; EBERLE, Michael M. *Tudo tem seu sentido*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1993.

LUKAS, Elisabeth. *Assistência logoterapêutica*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Histórias que curam... porque dão sentido à vida*. Campinas: Verus, 2005.

PEREIRA, Ivo S. Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl. *PSICO*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, abr./jun. 2008.

PETER, Ricardo. *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

XAUSA, Isar A. M. *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes, 1986.